

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE HISTÓRIA ECONÓMICA E SOCIAL

Revista Portuguesa de História

TOMO XVIII



COIMBRA / 1980

MISCELÂNEA

TRÊS ESCULTURAS NA CAPELA DA FARTOSA

Fartosa, povoação da freguesia do Rabaçal, concelho de Penela, assenta na base do monte do castelo de Germanelo, para o lado do poente.

A região em que se insere a freguesia constituiu no começo da nacionalidade o termo de Ladeia ou termo de Germanelo, porquanto o castelo levantado neste último ponto foi elevado a sede de concelho entre 1142 e 1144.

O estudo do território fê-lo eruditamente o Snr. Prof. Doutor Salvador Dias Arnaut, em *Ladeia e Ladera*, ainda na sua juventude, trabalho publicado em 1939 e que continua a ser fundamental.

O verdadeiro interesse para nós, pessoalmente, bem como para certo sector histórico, provém de se tratar duma das regiões de penetração para sul na reconquista cristã, atravessada longitudinalmente por um caminho natural de trânsito e de correrias militares, o qual, passado Ansião, se dividia: um ramo directo a Santarém, dois outros de desvio para Tomar.

Acresce ainda a atenção que merecem as precárias torres de refúgio do reduzido número de povoadores ao tempo e que, secundariamente, eram modestas atalaias para Coimbra, incluídas na linha de fronteira do Mondego, nas quais se veio a inserir, já noutra categoria, o castelo de Germanelo.

* * *

Terminando nas alturas do Espinhal a muralha natural que vinha da Estrela e que impedia os grandes movimentos militares ascendentes, sucediam-se alinhamentos de colinas baixas até à orla marítima. Esses alinhamentos e o seguimento dos vales demarcavam o natural leito dos caminhos, posto que acidentados de colos baixos.

João Bautista de Castro, no seu *Roteiro Terrestre*, indica esses encaminhamentos de pessoas no seu tempo. Seguindo-os nas cartas corográficas, com certo conhecimento directo dos territórios atravessados, verifica-se que a Natureza os havia imposto e que teriam de ser os de todas as épocas antigas.

Dirigiam-se sem excepção a Santarém, para irem a Lisboa. Se o principal procurava Leiria, os outros tomavam por Ansião e três deles, como se acaba de dizer, demandavam Tomar, para continuarem. Sobrepunham-se em parte e entrecruzavam-se.

O primeiro ia por Redinha e Pombal, atravessando veigas férteis, para chegar à grande de Leiria, com a natural posição militar do seu castelo, caminho natural para sul. Ficavam-lhe por nascente as linhas de cumes que da Venda do Cego se vão acentuando, pela serra do Rabaçal, Senhora da Estrela, Sicó, etc., tendo para ocidente as colinas brandas, fáceis de vencer em todas as direcções.

Esta mesma linha de cimos formava para levante o percurso que, por altura da Venda do Cego, se destacava e seguia por Alcabideque, Fonte Coberta, Rabaçal, Junqueira, Ansião e continuava por Pulga, etc.. Encontrava-se, ao lado do Rabaçal, o castelo do Germanelo a marcar a importância do vale e o deste percurso. Havendo-se inserido no rio dos Mouros ou do Pau, ia aproveitar, vencidas as breves alturas transversais da Cumieira, as depressões de outra bacia, a do Nabão.

Novo caminho mais a levante, que a actual estrada n.º 110 sensivelmente segue, era condicionado pelas alturas que despegam do Mondego, pelos Pereiros, colinas de Bera, ao monte do Vês. Descia a Chão de Lamas, Podentes, ao Pastor, Venda de Moinhos, Pontão, Cabaços, etc.. Dominava-o, de altura verdadeiramente táctica, o castelo de Penela, fundação ou hipotética renovação do primeiro governador de Coimbra, D. Sesnando, no fim do séc. XI, castelo que igualmente servia de padrasto à estrada anterior, pois que dali se cortava transversalmente ao Rabaçal, pelo colo imediatamente a norte do Germanelo. Seguindo hoje de Coimbra a Tomar decalca-se, nas grandes linhas, essa carreira antiga. Depois de Ansião fundir-se-ia com o percurso anterior. Em certa parte, teria sido o caminho que utilizou o primeiro rei para cair sobre Santarém, visto que a primeira estação que fez foi em Alfafar.

* * *

Entre o conjunto inicial de percursos de caminhos que vai até Ansião e o último, que o castelo de Penela domina e vigiava, há seguimento da linha de cimos que o monte do Vês, nome que outrora, segundo parece, abrangeria maior extensão, domina.

Há aí, conforme as palavras do ilustre Professor, em *Região do Rabaçal*: «dois montes que merecem referência especial. Erguem-se isoladamente, no mesmo meridiano, e são de configuração semelhante, cónicos. O povo chama ao do norte, a ocidente de Penela quatro quilómetros, com 359 metros de altitude — o Castelo; ao do sul, cujo cimo, a 401 metros, dista do do vizinho dois quilómetros — o Gemínelo. Constituem quadro tão raro que vistos uma vez nunca mais esquecem. São uma viva nota de beleza». E mais adiante: «os montes de Gemínelo e do Castelo, chamados no século XII, por serem semelhantes, Germanelos, isto é ‘irmãozinhos’».

Foi no do norte que D. Afonso Henriques implantou o pequeno castelo, em 1142, cuja acta de nascimento se encontra na *Chronica Gothorum: Era MCLXXX. idem Rex Portugallensium idem Rex D. Alfonsus cepit edificare castellum de Germanello anno regni sui decimo quarto*. E explica seguidamente que o fez para defender das depredações dos mouros os lavradores de Germanelo, Alvorge e Ateanha.

O rei, completando a finalidade da construção, criou entre 1142 a 1144, como inicialmente se disse, o concelho que abrangia a terra de Ladeia, separando terras da jurisdição de Coimbra e de Penela.

O fim do castelo era a protecção dos povoadores: *posuit ibi milites qui custodirent illud, et essent tutamento, et defensionis Christianorum*.

Anteriormente à fixação da fronteira pela linha do Tejo, foi-se valorizando a série de fortificações que defendiam o campo aberto para o ocidente. Não podemos ir à sua anotação, mesmo geral, a qual exigiria um desenvolvimento para além dos naturais limites deste artigo. Limitar-nos-emos aos pequenos fortes de protecção na zona da cidade de Coimbra. Eram breves, fracas e insuficientes torrees, como a ruína da de Bera demonstra. A população era escassa e os agrupamentos não passavam dum número muito limitado de povoadores. Essas torres pouca gente podiam acolher, e ainda só aquela que se encontrava a poucos passos das mesmas. Serviam de atalhas, não tanto para avisar as mais próximas mas para que se acautelassem os que andavam dispersos, a fim de se esconderem ou procurarem

lugares altos e afastados, e esses avisos dados por meio de buzinas, quer de chifre, quer de tubas de madeira, quer de fogos nocturnos.

Os estudiosos militares, à fina força, querem ver nestas torreeiras atalaias em ligação com as fortalezas principais. Basta ir aos sítios das que vamos mencionar para se desvanecer tal juízo; posto que de pontos altos se pudessem transmitir avisos por aqueles mesmos processos, como faziam e ainda hoje fazem os povos primitivos. E bem primitiva a vida era na época da reconquista.

Uma dessas torres existiu em S. Martinho do Bispo, como diz o documento de doação do abade Pedro à Sé, do ano de 1094: *fetique ibi turrium ad defensionem commorantium*.

A seguir encontrava-se a de Caniardo, que deveria ficar na zona do mosteiro de S. Jorge, na curva do rio.

Em Castelo Viegas ainda se mostra o penhasco a dominar o vale, em que outra se erguia, torre que não podia ser espaçosa.

A região de Bera conserva paredes de uma, na povoação da Torre; a qual é bom paradigma, como tamanho e situação, para ajuizar das restantes.

Pela margem direita, só os nomes sugerem a sua existência e nem sítios prováveis delas os naturais indicam, como acontece em Torre de Vilela e em Torres.

* * *

Na região de trânsito de Ladeia, conforme o distinto autor, havia já antes de Germanelo, a torre da mesma Ladeia, na herdade de Alvorge, referida a primeira vez em 1141, e talvez a de Ateanha, noutro ponto destacado.

Apesar da carta de povoação o não dizer e do seu limitado âmbito, Germanelo vinha assumir uma posição táctica de defesa e de esculca, em relação aos caminhos de acesso de sul, e de conjugação com uma fortaleza de maior nível, a de Penela: como o conde D. Sesnando havia notado a forte posição desta, o rei veio a considerar a destacada de Germanelo para o mesmo fim.

Este é descrito pelo mesmo historiador na *Região do Rabaçal*, como se encontrava na altura: «De forma grosseiramente triangular com os ângulos arredondados, ele tinha 107 metros de perímetro, 58 de comprimento leste-oeste e 22 de largura. O muro, feito de pedra pequena, calcárea e com bastante argamassa, tinha de espessura em toda a volta 1,80 m. Está quase todo desmoronado; mas apesar de



S. Maria Madalena
Séc. xv — meados



Senhora com o Menino
Séc. xv — final



Santa Ana
Séc. XVI — final

não haver possuído o carinho e o respeito humanos, ainda tem exteriormente, a meio dos troços voltados para sudoeste e para norte, a altura de 2,40 m. Interiormente a altura da muralha é bastante menor, porquanto a área da fortaleza está num plano superior, ou porque inicialmente já assim fosse ou porque, e é o mais certo, com o correr dos séculos se fossem aí acumulando materiais vários».

As escavações regulares feitas posteriormente tornaram mais clara a topografia, confirmando as sondagens primeiras.

Um pouco mais adiante lê-se: «Com o prosseguimento da reconquista, o castelo de Germanelo foi perdendo a importância. Ele foi, diga-se, uma fortaleza de ocasião». Quase a seguir: «Nos campos a princípio tão assolados pelos sarracenos ia reinando a paz cada vez mais». Terminando: «Em 1267, à fortaleza já pouca ou nenhuma importância se ligava».

O castelo, com grande parte do morro, é propriedade do mesmo Professor, que aí tem feito as referidas escavações sistemáticas e chegado a conclusões de interesse.

* * *

O terreno geral é de calcário, com aquele carácter das zonas secas, onde as depressões cónicas dos algares marcam as maciças infiltrações das águas. Naquele opúsculo, *Região do Rabaçal*, descreve-se, com rigor e viveza, o aspecto da terra, tanto sob o sol calcinante do verão, como no inverno, em que as águas escorrendo das encostas alagam as terras baixas, surgindo na primavera o manto verde e irregular das searas, reverdecendo igualmente os matos, no qual as ovelhas pascem, permitindo a obtenção daquele queijo de renome regional, o do Rabaçal.

Sendo, pois, a região da antiga Ladeia um percurso forçado até aos tempos modernos, poderia imaginar-se que aí se encontrassem restos de velhas épocas. A própria experiência nos mostrou que é raro depararem-se nas antigas estradas. O Inventário Artístico do Distrito limitou-se a registar na rubrica do Rabaçal obras correntes dos últimos séculos, como a casa da câmara com o brasão do reino unido de Portugal e Brasil. Da albergaria que aí existiu, denominada de St.^a Maria Madalena, só a toponímia dá indicação.

Deu-se, todavia, aqui o que o Inventário registou em diversos lados. As imagens antigas da igreja, por serem de pedra e pouco fáceis de transportar em andores nas procissões, eram substituídas por outras de madeira, mais ao gosto do tempo. As capelas das povoações,

desprovidas de santos e de mobiliário, iam aproveitando, recolhendo essas espécies que o desamor colocava de lado, e ainda aquelas outras que em capelas isoladas ficavam ao abandono. Levadas para esses novos lugares, humildes e escondidos dos percursos normais, sem ninguém as indicar, o Inventário não as encontrou.

Passados anos foi o mesmo Snr. Prof. Doutor Dias Arnaut que nos revelou as esculturas da capela da Fartosa. Esta é uma construção muito modesta, ao lado da povoação, pequeno rectângulo, baixa, de cobertura de duas águas, a pequena frente recortada da porta e dos postigos a ladeá-la. Modesta, como milhares delas pelo País, com as quais se não pode nem vale a pena perder tempo, como ingloriamente se perde com outras de maior volume e aspecto, nem o principal organizador do volume do Inventário do distrito, nem nós próprios em visita de reconhecimento, a anotámos.

E, todavia, ostenta no seu modesto retábulo de madeira três esculturas de pedra, de diversas épocas, originárias de oficinas de Coimbra, que se teriam anotado.

Com o mesmo Senhor e o amável proprietário e negociante local, Snr. Adelino Garrido, fomos visitá-la e tomar as respectivas fotografias.

São as esculturas de St.^a Maria Madalena, Senhora com o Menino e de St.^a Ana.

St.^a Maria Madalena (Alt. 84 **cm.**)? d^o meado do séc. XV, envolve-se de panejamentos a caírem em pregas elegantes, de traçado natural. A cabeça sofreu um arranjo tardio, pois que, na deslocação destas esculturas, pesadas, em que tem de intervir mais que uma pessoa, pegam-lhe, cada uma por sua extremidade, como a um tronco de árvore, e a menor espessura do calcário no pescoço produz fractura deste, rolando a cabeça pelo chão, com as naturais consequências. Na mão esquerda sustenta o boião do perfume e na direita um pergaminho desdobrado, no qual se gravavam ou pintavam dizeres, usualmente, a darem esperança aos desalentados. Escultura esta originária de oficina de Coimbra, de artífice educado directa ou secundariamente na oficina de mestre João Afonso.

A Senhora com o Menino (Alt. 96 cm.), dos fins do mesmo séc. XV, documenta a evolução da escultura desse século, e que em Coimbra teve como melhor imaginário Diogo Pires-o-Velho : pregas requebradas, segundo a moda que vinha do norte europeu, que o arranjo do manto, passando pela frente e apanhado sob os braços, favorecia.

Saiu duma oficina de nível inferior à daquele mestre mas que devia ter produzido numerosa imaginária, pois que notável quantidade de espécies da mesma temos encontrado nos trabalhos do inventário.

Santa Ana, ou «Senhora Sant'Ana» no comum dizer do povo (Alt. 77 cm.), ou Santas Mães, como o Prof. António Augusto Gonçalves divulgou, é já dos fins do séc. XVI, quando a escultura da Renascença coimbrã decaía já em oficinas de meros artífices sem grande ensino e em que se abastardavam os temas de boa época.

A propósito desta imagem, repete o povo a divulgada lenda de voltar ao sítio antigo quando deslocada, aqui a uma capela da encosta do castelo. Parece natural que tivesse estado na tal capela recordada pelo topónimo de Penedos de Santa Ana, tanto mais que em sondagens se encontram alicerces que poderiam ser dum modesto oratório isolado.

A. NOGUEIRA GONÇALVES

BIBLIOGRAFIA

ARNAUT, Prof. Doutor Salvador Dias — *Ladeira e Ladera. Subsídios para o estudo do feito de Ourique*. Coimbra, 1939.

----- *Ulmar na antiga toponímia portuguesa*. Em «Novidades», supl. «Letras e Artes». Lisboa, 25-IX-1938.

----- *Região do Rabaçal. A terra e o homem*. Coimbra, 1961.

----- *Terras de Ansião. Um pouco da sua história*. Coimbra, 1964.

----- *Germanelo*. Art. em «Grande Enc. Port. e Brasileira», vol. XII, pg. 349-350.

SERVIÇOS GEOGRÁFICOS E CADASTRAIS. *Carta de Portugal*. Escala 1/100.000: Fl. 13, ediç. 1866; fl. 16, ed. 1871.

Escala 1/50.000: fl. 19-C, ediç. 1957; fl. 19-D, ediç. 1959; fl. 23-A, ediç. 1958; fl. 23-B, ediç. 1959.

CASTRO, João Bautista de — *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. 3.^a ed.

Tomo III. Lisboa, 1870.

(«Roteiro Terrestre de Portugal»): pg. 297-356.